
Aulas noturnas ao alcance dos “homens de cor”: a bandeira da instrução no jornal O Exemplo (Porto Alegre, RS, 1895-1904)

Night classes within reach of “men of color”: the banner of instruction in the “O Exemplo” newspaper (Porto Alegre, RS, 1895-1904)

Ricardo Costa de Sousa¹

Resumo: O presente artigo é resultado de uma investigação junto ao jornal *O Exemplo*, impresso publicado no Rio Grande do Sul com ressonância em outros estados do país. O interesse desta investigação consiste em discutir como a editoria e seus colaboradores inscrevem as aulas noturnas ao alcance dos “homens de cor”. A análise procedeu a localização de ocorrências da temática – aulas noturnas entre 1895 e 1904, contexto nomeado como primeira fase do impresso. O artigo se insere no campo da História da Imprensa no Brasil e da História da Educação. Examina a diversidade de objetos e grupos étnicos sob a perspectiva teórico-metodológica da História Cultural, com atenção especial às representações de um tempo pretérito. A análise indica que os editores e colaboradores de *O Exemplo* empreenderam inúmeros esforços para incitarem os “homens de cor” sobre a necessidade de se elevarem acima da ignorância, de frequentarem aulas noturnas como possibilidade de aperfeiçoamento moral e intelectual, dado que o bem mais precioso é a instrução.

Palavras-chave: Aulas noturnas; Jornal *O Exemplo*; Homens de cor.

Abstract: The present article is the result of a research conducted on the newspaper *O Exemplo*, a printed publication from Rio Grande do Sul with influence in other states of the country. The interest of this research lies in discussing how the editorial staff and its collaborators inscribed evening classes accessible to “men of color”. The analysis located occurrences of the theme – evening classes between 1895 and 1904, a context named as the first phase of the printed material and, here, defined as a time frame. The article is inserted in the field of the History of the Press in Brazil and the History of Education. In addition, it considers the diversity of objects and ethnic groups from the theoretical-methodological perspective of Cultural History, with special attention to the representations of a past time. The analysis indicates that the editors and collaborators of *O Exemplo* made numerous efforts to incite “men of color” on the need to elevate themselves above ignorance, to attend night classes as a possibility of moral and intellectual improvement, given that, the most precious asset is instruction.

Keywords: Evening classes; *O Exemplo* newspaper; Men of color.

¹ Professor Adjunto do Departamento Acadêmico de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESPF). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação Santa Terezinha (FEST). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) e da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE). É líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Memórias e Acervos (GPHEMA) (CNPq/Unir). E-mail: ricardo.sousa@unir.br

Introdução

O presente artigo é resultado do levantamento de um conjunto de textos que tematizam as aulas noturnas para os “homens de cor”, publicados no jornal *O Exemplo*, no Rio Grande do Sul, visando discutir como a editoria e os colaboradores¹ do referido impresso inscrevem as aulas noturnas ao alcance dos “homens de cor” em contraposição à ignorância.

Antes de adentrar a discussão aqui empreendida, cabe informar que foi realizado o levantamento das edições disponíveis do jornal *O Exemplo* publicadas entre os anos de 1892 e 1930 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Contudo, localizou-se a ocorrência da temática *aulas noturnas* no período de 1895 a 1904, definido aqui como recorte temporal e primeira fase do impresso.

As ocorrências associadas à instrução, no conjunto dos textos publicados pela editoria e pelos colaboradores, em geral, problematizam se as aulas noturnas estavam ao alcance dos “homens de cor”. Para os editores e colaboradores de *O Exemplo*, as trevas da ignorância que recaíam sobre os “homens de cor” eram atribuídas ao período imperial, responsável pelo atraso prejudicial à boa marcha da nação brasileira e pela abertura de aulas noturnas defendida como requisito imperioso à efetivação da igualdade social.

O jornal *O Exemplo* assume-se como um impresso que difunde posicionamentos diversos em torno da instrução para um grupo étnico particular, os “homens de cor”, porque, por meio de aulas noturnas, eles poderiam, com a luz da instrução, aperfeiçoar seus conhecimentos.

Campos (2012, p. 56) registra que “a imprensa é tanto um veículo educativo quanto um meio de ocupação da esfera pública, compartilhado por diversos grupos sociais pelo menos desde o século XIX”. Tal afirmativa indica que este artigo se inscreve no campo da História da Educação, por considerar a diversidade de objetos e grupos étnicos, ou seja, conforme Stephanou e Bastos (2011), apresenta-se como um campo multidisciplinar e pluridisciplinar.

Ao tratar de grupos étnicos na História da Educação, cabe destacar a produção de Fonseca e Barros (2016) que versa sobre *A História da Educação dos Negros no Brasil* com recorte racial definido, o que é um fenômeno recente na historiografia da educação. Segundo os autores, tal perspectiva sugere pensar sobre: a) as influências e/ou procedimentos de escrita da história da educação; b) os questionamentos frente às formas tradicionais de representação dos negros; e c) a instrução como mecanismo de mobilidade e de aperfeiçoamento moral e intelectual dos “homens

de cor”. Pode-se inferir que a disseminação do conhecimento pelo país aconteceria mediante a promoção das aulas noturnas.

Tomou-se exclusivamente o jornal *O Exemplo* como documento empírico e a perspectiva teórico-metodológica da História Cultural para análise dos textos que versam sobre as aulas noturnas, circunscritas no referido impresso. Tal perspectiva visa “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”, bem como esclarece que esse é “um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis” (Pesavento, 2008, 42).

As observações ensinam compreender que a referida perspectiva é feita de recobrimentos, de sedimentações, de inércias, isto é, não se sentem as mesmas coisas, segundo uma série de critérios, quer seja de sexo, idade, categoria social, local geográfico, tradição ou da cultura que se recebe (Pesavento, 2008; Corbin, 2005). Assim, cabe ao historiador da educação tentar entender essa complexidade e simultaneidade de atitudes muito diferentes segundo os indivíduos, grupos, gerações e cultura.

Ginzburg (2007) colabora na análise dos textos e sugere pensar que uma temporalidade fugidia só pode ser acessível através de registros, sinais, indícios e vestígios. Dado que não é possível estudar um tempo passado senão por meio daquelas evidências que deixaram algum registro ou que foram objeto de uma descrição densa, ou seja, procurar captar o maior número de experiências humanas implicadas com o objeto e colocar-se no lugar dos atores, reconstruindo sua lógica de pensamento.

Com base na perspectiva teórica e metodológica da História Cultural, tomou-se o conceito de representação, relevante para este texto, apesar de ser um “conceito ambíguo, na relação que estabelece entre ausência e presença, ele não é uma cópia do real, imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção” (Pesavento, 2008, p. 40). Para Chartier (2010, p. 49), esse conceito “permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais”.

Os editores e colaboradores de *O Exemplo*, ao empreenderem esforços em incitar os “homens de cor”, conclamam a sociedade como um todo, em especial as irmandades, as associações e a iniciativa particular, para contribuírem para o “desaparecimento da ignorância”. Logo, os textos apreciados incitam e levantam a

bandeira da instrução para o “aperfeiçoamento moral e intelectual” dos “homens de cor” através de aulas noturnas.

A esse respeito, Silva (2007) sugere pensar que a temática da instrução na perspectiva positivista foi amplamente difundida nos discursos governamentais do Rio Grande do Sul do final do século XIX e das primeiras décadas do XX, defendendo e inscrevendo aulas noturnas como um instrumento disciplinador e moralizador, ou seja, o processo de instrução deveria atender a todas as pessoas indistintamente. Nesse sentido, a análise tomou os textos inscritos no jornal *O Exemplo*, como um documento histórico e cultural, permeado por representações de um tempo pretérito.

Aulas noturnas: “cruzadas” em prol da instrução dos “homens de cor” em *O Exemplo*

A editoria e os colaboradores do jornal *O Exemplo* (1895-1904) publicaram inúmeros chamamentos, ou seja, empreenderam verdadeiras cruzadas em prol da instrução dos “homens de cor” e, como viés para assegurá-la, registram as aulas noturnas como possibilidades de afastamento da ignorância, considerada um dos piores males de uma sociedade.

De acordo com Corsetti (2008), a ignorância pode ser entendida como sujeira, feiura, doença, loucura, vadiagem, morte, ou seja, desordem, elemento que deveria ser eliminado. Ao que tudo indica, a abertura de aulas noturnas poderia colaborar com o progresso, pois são consideradas ingredientes da limpeza, do embelezamento das cidades, da saúde, da reprodução da vida, da educação e, em paralelo, da disciplina, da ordem, da produtividade, da lucratividade. Há, portanto, uma ideia homogeneizante de que as aulas civilizava, instruía e disseminava o conhecimento. Logo, ela poderia modificar “os homens de cor”, possibilitando-lhes abandonar a ignorância. As palavras de Corsetti (2008) são permeadas de um discurso eugenista de educação. Porém, a editoria do jornal *O Exemplo*, ao entender sua missão para com os seus congêneres, escreve:

Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo o grão de estudo a que o sujeitamos e, por consequência, que também nos podemos alistar nas cruzadas e empreender lidas pela inteligência, muito embora algum estulto nos queira acoimar, ou seja porque desconheça as nossas legítimas aspirações, ou seja porque faça parte dos doutrinadores que julgam o homem pela cor da epiderme (*O Exemplo*, 1892, p. 1).

Já na primeira edição do jornal, a transcrição apresenta, por um lado, representações sobre a incapacidade dos “homens de cor”, em especial na perspectiva daqueles que empreenderam esforços a fim de interpor impedimentos legais de acesso ao conhecimento; por outro lado, deixa evidente que existem “homens bem-intencionados” a alistarem-se nas “cruzadas” em prol de aulas noturnas.

Ao questionar as desigualdades étnico-raciais no pós-abolição, Zubaran (2008, p. 7) explica que o jornal “*O Exemplo* apresentava-se como porta voz dos ‘homens de cor’ e implicitamente manifestava-se contra o racismo científico”, baseado na cor da pele e em outros determinantes. Assim, os membros do corpo editorial de *O Exemplo* empreenderam estratégias de acesso ao conhecimento, o que possibilitou, como eles mesmos afirmam, “empreender lidas pela inteligência”.

Nessa perspectiva, Bahia (2016, p. 66), ao abordar “a representação da instrução como redentora de todos os males da comunidade negra, referida frequentemente pela metáfora da luz contra a escuridão”, assegura remeter a ideias iluministas; pois, pelo viés da razão, seria possível solucionar “todos os problemas do presente e se reorganizaria o mundo rumo a um futuro mais promissor”.

Ao que tudo indica, a luz da instrução, dispensada a partir de aulas noturnas, contribuiria para o aperfeiçoamento moral e intelectual dos “homens de cor”, visto o estado de ignorância ao qual os negros foram, sumariamente, submetidos durante o regime escravocrata. Se, por um lado, os “homens de cor” “corriam” contra o tempo para a manutenção de sua sobrevivência, por outro, eles atribuem às aulas noturnas um papel secundário, porque, por serem pobres, sua preocupação primeira era saciar a fome do corpo, não a fome intelectual.

Gil e Grando (2022) registram que as cruzadas em prol do afastamento das trevas da ignorância são uma mobilização dos “homens de cor” para que crianças e adultos pudessem viver sob as luzes da sabedoria e do conhecimento. Para um novo momento do Brasil republicano, tornava-se um imperativo discutir, ou melhor, criar escolas para o povo, em especial para o povo pobre (inclusive para os “homens de cor”), de forma que pudessem se instruir.

Conforme Veiga (2008), é possível indicar que a instrução primária ou elementar recebeu, desde os finais do século XIX, o reconhecimento de sua função necessária, inclusive, para as classes populares da sociedade brasileira. A autora sugere que a ausência de aulas noturnas para os “homens de cor”, a partir de um discurso salvacionista, determinaria o atraso da nação, inscrevendo “a educação popular como condição de progresso e civilização” (Veiga, 2008, p. 513).

De acordo com a editoria de 1895, “o ensino primário sempre foi gratuito”, de modo que após sua conclusão os alunos poderiam continuar a estudar, ocupando seu tempo com algo que lhes renda certo honorário, frequentando aulas noturnas (O Exemplo, 1895, p. 1). A referência merece ser problematizada, porque sugere a frequência dos “homens de cor” em aulas noturnas, o que significa excluí-los do direito à escolha do período de estudo, em virtude de garantir sua sobrevivência, o pão intelectual.

A mesma editoria, ao afirmar que o ensino primário era gratuito e oportunizaria o acesso à instrução aos “homens de cor”, não problematizou nem empreendeu esforços para compreender os mecanismos e as condições de infrequência deles nas escolas públicas para a superação da ignorância. Frente a essa referência, Santos (2011, p. 158) aborda que “os redatores procuravam afirmar a capacidade intelectual dos negros com a divulgação de exemplos de pessoas que haviam conseguido, por meio da busca da instrução e do aperfeiçoamento do conhecimento, melhorar suas vidas”. Registram que alguns “homens de cor” acessaram espaços no funcionalismo público, o que mostra uma possibilidade de ascensão profissional possível e, como exemplo, citam “Manoel Victorino, filho de um operário, como todos, pobre e que ‘por si’ elevou-se ao cargo de segundo magistrado deste país!” (O Exemplo, 1895, p. 1).

Fadul e Galvão (2020) inscrevem a escola como aquela que dispõe do poder de expedir um diploma. Esse documento, tão bem valorizado pela sociedade, poderia, portanto, modificar o futuro, pois, segundo as autoras, “a diplomação (assim como a escolarização) constituía um importante mecanismo para a ascensão social e cultural” (Fadul; Galvão, 2020, p. 471). No entanto, para o caso aqui analisado, configurou-se como mais uma oportunidade negada para a maioria dos “homens de cor” no sul do Brasil.

A partir da documentação arrolada e analisada, inúmeros indícios se apresentam sobre o anseio de frequentar aulas noturnas ou mesmo realizar estudos avançados. Em 1895, a editoria comunicava aos jovens pobres que desejassem prosseguir nos estudos nos cursos superiores, por exemplo, que “há sempre sociedades beneficentes que amparam tanto quanto podem os seus colegas desprotegidos da sorte, para não falar em mãos caridosas (e há bastante!) que espalham profusamente ouro para a manutenção necessária de muitos tutelados gratuitos” (O Exemplo, 1895, p. 1). A partir desse excerto, entende-se que a frequência nas aulas dos “cursos acadêmicos” poderia ser custeada por particulares ou agremiações, sendo considerada livre. Desse modo, “o pobre” que tinha certa vontade de saber poderia, empregado, “cursar um instituto para a conquista de um diploma que o afaste, mais tarde, da obscuridade

de ignorância e o liberte quiçá dos pesados grilhões da pobreza” (O Exemplo, 1895, p. 1).

Assim, aos pobres, aqui, “homens de cor”, a manutenção ou o cultivo da ignorância apresentava-se como um mal que precisava ser superado no regime republicano, pois, alinhada com um ideal de progresso, construir-se-ia uma nação civilizada porque instruída. Nesse sentido, *O Exemplo* assegurava que um povo instruído saberia cultivar seus talentos e fazer uso desses talentos em prol do país, sinalizando as aulas noturnas como mecanismo para efetivar esse ideal. Diante disso, a criação de uma Escola Noturna, como “O Exemplo”, visava ao “levantamento intelectual das classes desprotegidas” bem como “servir para melhorar o estado intelectual dos nossos irmãos” (O Exemplo, 1902a, p. 4).

Para Perussatto (2022, p. 2), *O Exemplo* “militavam em associações de classe e/ou raça e, [...] evidenciavam as articulações entre lutas negras e operárias no alvorecer do novo século, bem como diálogos afrodiaspóricos na busca pela efetiva emancipação”. Na análise realizada, entende-se que, para a editoria, as aulas noturnas eram uma possibilidade para que os “homens de cor” pudessem ilustrar-se.

Uma das primeiras carências do nosso meio social é honestamente a instrução. Os nossos homens, nascendo enfaixados na necessidade [...] são desde muito novos atirados às oficinas, aos braços do trabalho antes de terem podido acumular uma bagagem intelectual de conhecimentos que fora necessário em toda a vida e não podem, quando por reflexão a avaliar o mal que a falta de conhecimentos lhe acarreta, repará-lo porque seus ganhos bastam apenas para suas necessidades e o governo não mantém aulas noturnas onde os filhos do povo possam instruir-se (O Exemplo, 1902b, p. 1).

A principal carência do povo, dos “nossos homens” – entende-se “homens de cor” –, era a instrução. Essa carência residia em um problema mais grave, pois, desde a tenra idade, os “homens de cor” eram atirados ao trabalho, antes de acumularem qualquer bagagem intelectual. O segundo destaque reside em um tom de denúncia, uma vez que o governo não ofertava aulas noturnas aos filhos do povo, “dos nossos”, de modo que, carentes de instrução, pudessem se instruir.

A ausência da oferta de aulas noturnas a esses trabalhadores favorecia a permanência do estado de ignorância, impedindo-os de alcançar conhecimentos úteis, bem como de atingir outro patamar social. Cabe lembrar que foram vários os imperativos do trabalho que afastaram da frequência escolar, “fazendo circular a ideia de que as classes trabalhadoras eram ignorantes – e por isso não davam valor ao estudo, permitindo a seus filhos abandonarem os estudos” (Gil; Grando, 2022, p. 6).

A editoria e seus colaboradores, sabedores do estado de ignorância dos seus e da ausência de aulas noturnas, se pronunciam da seguinte forma: se “o governo não cria escolas noturnas, criamo-las nós” (O Exemplo, 1902b, p. 1). Tal expressão de denúncia, nas páginas seguintes, demonstra seus esforços para a abertura de aulas noturna. Um desses esforços da editoria de *O Exemplo* se inicia com o trabalho de publicar informes que pudessem sensibilizar as associações e particulares no auxílio dessa grande obra para os “homens de cor”.

Os editores e colaboradores do jornal *O Exemplo*, sabedores do comprometimento social e político, entendiam que seus congêneres, para utilizar as palavras de Fadul e Galvão (2020, p. 467), “precisavam ser resgatados da ignorância e do despreparo para a vida à qual estavam predestinados [...], levando-se em conta o meio familiar do qual faziam parte, em que a ausência escolar prevalecia”. Parafraçando as autoras, as aulas noturnas para os “homens de cor” poderiam desempenhar uma ponte, entre a rudez e o polimento de suas ações e sua capacidade intelectual.

Muller (2013, p. 116), ao afirmar que “o governo não cumpriria sua obrigação e pensando já ser mais do que a hora de propor uma alternativa, o grupo dirigente de *O Exemplo* conclamou o auxílio de homens e associações negras para fundar uma Escola Noturna, cujo nome seria O Exemplo”. A autora sugere que essa negação do direito à instrução se deve ao contexto perverso do sistema escravocrata. Nessa perspectiva, a editoria registra que, “em outros tempos, quando o país ainda não estava constituído democraticamente, quando um trono pesava sobre os brasileiros e o imperador, para ter soldados dedicados na sua defesa, precisava de ignorantes”, poder-se-ia justificar a ausência de aulas noturnas para os “homens de cor” (O Exemplo, 1902b, p. 1).

A editoria escreve como o cultivo de um passado de ignorância interferia de forma perversa na vida daqueles que não tomavam o caminho da instrução e do conhecimento:

Os homens atirados à noite da ignorância, não encontrando melhores diversões que as tavernas e os bordéis a elas se entregam, não podendo embriagar-se nos encantos que as ciências guardam em seus arcanos, procuram a embriaguez no álcool, não tendo noção de dignidade que não seja a repulsa do insulto pela força bruta, lá, vem um dia em que tentam o homicídio e mesmo o consumam; sem proteção, sem trabalho muitas vezes, e sempre sem mais do que o estritamente necessário para não morrer de fome, sem o escudo da instrução para defendê-los dos golpes de desejos imoderados, sem o conhecimento dos deveres que ponham freio aos assomos de sua

animalidade, comete os alienados ao pudor, lenocínio, o roubo (O Exemplo, 1902c, p. 1).

A transcrição do documento demonstra o comprometimento da editoria com a divulgação e a sensibilização dos “homens de cor” para a necessidade de instruírem-se, bem como dos benefícios que as aulas noturnas poderiam proporcionar. De modo esquemático, o que se depreende é que, por um lado, temos a ignorância como sinônimo de noite, trevas e mal; por outro, temos frequência de aulas noturnas como responsável por disseminar a luz, o bem mais precioso que é a instrução. Nas palavras de Fadul e Galvão (2020, p. 467), “uma espécie de luz, de lanterna que clareava os caminhos da vida, possibilitando àqueles que a frequentavam melhoria de vida” – dicotomias recorrentes naquele período. Em seguida, a editoria (O Exemplo, 1902c) comunica aos leitores que a abertura de aulas noturnas seria uma boa obra para o progresso e o engrandecimento do estado; a colaboradora, sob a assinatura “Uma Democrata”, escreve:

Se em todos os corações existisse o fogo crepitante da fé e o riso censurador da esperança, essa Escola Noturna que O Exemplo anuncia seria o ponto para onde convergiriam todas as idéias, todas as atividades. Mas qual! Um desalento profundo, uma inércia cruel se apodera de todos os peitos, e quem sabe se esta ideia duplamente altruísta não provocou risos de escárnio, condenáveis impropérios! Que valerá então que peitos nobres queiram sacrificar-se pelo levantamento moral de nosso povo, se outros não se unificam com ele e não tomam por divisa esta frase – Querer é poder!. (Uma Democrata, 1902, p. 1).

A autora lamenta que o fogo crepitante não estivesse presente nos corações de todos para levar a cabo a abertura de aulas noturnas, tão necessária para o levantamento moral e intelectual dos “homens de cor”. Contudo, se por um lado é possível identificar uma esperança a esse respeito em Porto Alegre, por outro é possível destacar o caso da Biblioteca Pública Pelotense, apontada no estudo de Peres (2002) como obra necessária e útil aos trabalhadores no final do século XIX para “instruir as classes populares”, o que incluía os “homens de cor”.

A elite pelotense desejava, efetivamente, que Pelotas ostentasse o título de mais civilizada e instruída das cidades gaúchas e, quiçá, brasileiras. Assim, ganhou força entre alguns de seus membros a ideia de que a instrução e a formação dos homens das classes populares era uma tarefa que lhes cabia. [...]. Associou-se ao projeto de instrução, a educação moral, que visava à formação de hábitos e atitudes compatíveis com o que era considerado um bom trabalhador (Peres, 2002, p. 160).

Entre os anos de 1875 e 1915, a iniciativa desencadeada pela elite pelotense, de criação de aulas noturnas de instrução primária, direcionadas, sobremaneira, aos homens adultos e meninos pobres, apresentava um programa bem definido no sentido de inculcar normas de disciplinamento, como também valores sociais que reforçavam a necessidade do trabalho como forma de combater o ócio e a vagabundagem. Em alguma medida, é provável que a editoria de *O Exemplo* não desconhecesse as iniciativas de aulas noturnas para a instrução popular e que inclusive tenha se inspirado nessas experiências.

Inúmeras produções têm afirmado o caráter disciplinar da instituição escolar. Nesse sentido, Rago (1985, p. 153) evidencia que, para o contexto da época, a escola seguia rigorosa e ordenadamente a pedagogia, na qual os “homens de cor” aprenderiam “a respeitar, isto é, a temer, a submeter-se aos superiores hierárquicos, aos horários, aos regulamentos, às instruções, responder devidamente aos estímulos, na instituição escolar ou no processo de trabalho”.

O texto sob assinatura de “Uma democrata” clama “aos peitos nobres” que persistam na iniciativa de levar a luz da instrução àqueles que dela carecem, pois “Querer é poder!” (Uma Democrata, 1902, p. 1). Nessa direção, a Proclamação da República é considerada um marco importante para a garantia do direito à instrução aos “homens de cor”. Contudo, poucos esforços são apresentados pelo governo do estado do Rio Grande do Sul na oferta de aulas públicas, ficando a cargo, em boa medida, da iniciativa de associações e particulares que abriram aulas noturnas para “espancar as trevas” da ignorância na qual estavam imersos os “homens de cor” (Uma Democrata, 1902, p. 1).

A editoria de *O Exemplo* novamente registra que a abertura de aulas noturnas é uma obra necessária, dado que é observável que, em seu meio, há inteligências que se estiolam em virtude da ausência cultural (O Exemplo, 1902c). A esse respeito Fadul e Galvão (2020, p. 465) sugerem pensar que as aulas noturnas seria uma “entidade capaz de tornar homens e mulheres seres civilizados, na medida em que possibilitava [...] a aquisição de conhecimento, ‘cultura’ e sabedoria”. Enquanto isso, a editoria retoma o tema e descreve: “o descaso em que a instrução das classes proletárias vai votado, é terrificante para quem vê no estado de ignorância em que crescem os filhos dos pobres, o campo aberto ao vício e ao crime” (O Exemplo, 1902c, p. 1). A partir desse cenário, a editoria (O Exemplo, 1902d, p. 1) registra:

É necessário, pois, que a iniciativa particular posta entre o poder do Estado e o Povo, aproveitando o auxílio e a boa vontade de ambos, procure realizar a obra que ao Estado seria impossível levar a efeito. Os filhos dos proletários necessitam de instrução, a maior parte

dos desprotegidos da fortuna necessitam dos meios de instruir-se, os trabalhadores tem sede de saber, porém o dia está roubado pela necessidade do pão e há falta de escolas noturnas, rapazes pobres tendo preparatórios não podem prosseguir seus estudos porque as academias existentes por seus regulamentos só facilidades oferecem aqueles que, de favores não precisam – aos filhos dos ricos, aos que têm todos os recursos para estudarem, e este estado de coisas não pode perdurar sem graves prejuízos.

A editoria faz sobressair duas manifestações bem definidas, quando aborda a ausência de escolas noturnas e as queixas e denúncias constantes e recorrentes ao longo das publicações de *O Exemplo*. Considera-se que em um cenário de inteligências que se estiolam devido ao estado terrificante de ignorância em que os filhos dos pobres estão submersos, o acatamento de uma proposta de projeto como o do Atheneu Popular, de iniciativa particular, seria uma oportunidade de instrução, de fato, para os desprotegidos de fortuna. Ao levar a efeito essa “obra útil ao povo”, a editoria apela às associações e particulares de diversos gêneros, solicitando auxílios a fim torná-la realidade.

Perussatto (2022, p. 14) registra: “as associações negras ou de classe eram importantes espaços educativos e instrutivos, conjecturamos haver ainda a expectativa de que alguma das associações abrigasse as aulas da escola enquanto não fosse possível adquirir uma sede própria”. Contudo, poucos tinham devotado interesse por essa obra, alguns porque duvidavam de seu êxito e, seguramente, outros devido à ausência de cultura apresentada pela maior parte de seus membros.

Dois anos depois, foi possível localizar a colaboração de Rodrigues (1904a, p. 1), quando escreve que a instrução é uma necessidade que só seria uma realidade com recursos dispensado por todos e sugere “a fundação de um instituto instrutivo dos associados, cujas funções noturnas não prejudicariam os afazeres diários”.

Seria mais proveitoso do que dançar; então essa mocidade saberia, que a língua portuguesa é de uma beleza superior a todas, e que é um crime deixar de estudá-la! Que o estudo de aritmética é indispensável em qualquer dos ramos sociais. O estudo do idioma francês é imprescindível ao estudo da ciência. Álgebra é a parte das matemáticas que trata da resolução dos problemas e demonstra os teoremas, por meio de símbolos, e que, na França, Alemanha, Inglaterra e principalmente nos Estados Unidos da América do Norte, é considerada como um dos ramos de mais utilidade e interesse na instrução (Rodrigues, 1904a, p. 1).

Rodrigues sinaliza possibilidades de as associações reverem suas leis e regulamentos, no sentido de atentarem para uma necessidade urgente, a instrução de seus sócios a partir da abertura de aulas noturnas nas mais variadas ciências úteis

às civilizações mais avançadas. Na semana seguinte, Rodrigues (1904b, p. 1) assinala que as agremiações recreativas “podiam destinar uma parcela de suas receitas ao auxílio ou criação de aulas noturnas onde os seus membros pudessem encontrar, sem grande dispêndio, os conhecimentos, que apontamos como os mais necessários e indispensáveis”. Escreve, ainda:

Não avançamos, porém, a esta asserção sem termos por diversos fatos estudados as condições econômicas das associações; eis um dos que nos leva a assim argumentar: Se muitas de nossas associações para gozarem a liberdade de efetuar as suas reuniões periódicas concorrem com um imposto que ousou chamar absurdo, como não destinam essa quantia à ação meritória da instrução de seus membros? Expliquemos porque não o fazem. Não o fazem porque ainda não compreenderam bem que a causa de todos os males e a humildade consequente de nossa nenhuma cultura intelectual: porque ainda alcançaram bem que a instrução nivela os homens de todas as origens e de todas as raças. Por compreendermos isto, é que insistimos sempre na necessidade da instrução dos nossos (Rodrigues, 1904b, p. 1).

O colaborador se queixa e lamenta o impasse para abertura de aulas noturnas pelas associações, expõe como elas poderiam proceder para a efetivação desse desiderato, aplicando os impostos que cobram em prol da instrução dos seus, bem como sinaliza que tal obra não foi concretizada devido à incompreensão de sua importância. Contudo, o que se sobressai nesse excerto é o entendimento de que “a instrução nivela os homens de todas as origens e de todas as raças”. Por isso a insistência da editoria em incitar as associações à abertura de aulas noturnas para os “homens de cor”, de modo a promover a igualdade social. Assim, ao ser suprida essa carência, seria possível perceber o melhoramento “do estado intelectual dos nossos homens” e o usufruto de seus direitos como cidadãos, levando-os a “aprender o que ignoravam” (Rodrigues, 1904b, p. 1).

D’Aguiar (1904), colaboradora que escreve para o jornal *O Exemplo*, discute em seu texto a abertura de um estabelecimento popular de ensino, cogitado entre outubro de 1902 e janeiro de 1903. Segundo a colaboradora, “instruir os nossos é o primeiro dever dos que compreenderem as nossas necessidades e por isso eu venho nestas linhas dirigir um apelo às nossas associações para que acariciando a ideia lançada à luz por *O Exemplo*, [...], seja transformada em um fato” (D’Aguiar, 1904, p. 1). Tal apelo converge para que os membros das associações, em especial as que têm fins recreativos, percebam que “não será difícil a todas as associações, com fracos auxílios pecuniários, sustentar aulas noturnas de que tanto carecemos e que constituirão, de certo, o agente melhorador das nossas condições intelectuais e do nosso estado moral” (D’Aguiar, 1904, p. 1).

D'Aguiar (1904), leitora atenta dos diversos temas debatidos no jornal *O Exemplo*, com atenção especial àqueles que tratam de aulas noturnas, assegura que a abertura de um estabelecimento popular de ensino é uma necessidade dos “homens de cor” que possibilitaria o melhoramento de suas condições intelectuais. Nessa direção, conclamar as associações e os particulares a levar a luz da instrução para o maior número daqueles que dela careciam tornou-se uma bandeira de luta. A esse respeito, Sousa (2019, p. 147) assegura que “acatar a sugestão de *O Exemplo* da abertura de aulas noturnas consistia em lançar luz sobre a obscuridade da ignorância e trabalhar para o melhoramento das condições intelectuais da raça”. Logo, agitar as associações e solicitar seus auxílios em prol da abertura de aulas noturnas é uma bandeira necessária para o usufruto de direitos negados especialmente aos “homens de cor”.

Bahia e Zubaran (2016) afirmam que, no início do século XX, a editoria de *O Exemplo* enfatizou a necessidade da institucionalização de aulas noturnas e públicas “por meio da construção de uma Escola Noturna, justificada tanto pelo fato dos filhos dos pobres e dos operários trabalharem de dia, como também para elevação intelectual e moral dos ‘homens de cor’”. As autoras ainda indicam que, para “além da instrução ser representada como redentora de todos os males, há também a ideia de que a instrução era responsável pela formação do caráter moral dos cidadãos” (Bahia; Zubaran, 2016, p. 14).

Por fim, toma-se a referência de Sousa (2019), quando escreve que os discursos relacionados à abertura de aulas noturnas são amplamente divulgados pelo jornal *O Exemplo*, de modo que os filhos do povo, do operariado e da classe pobre pudessem gratuitamente receber instruções das primeiras letras, a par de outras atividades manuais, necessárias para qualquer pessoa, e, assim, gozar de seus direitos, inclusive, da maior riqueza que se pode aspirar, a instrução.

Considerações finais

O presente texto inscreve esta investigação no campo da História da Imprensa e da História da Educação, com recorte racial e temporal definido, sinalizando para uma reescrita da história da educação e, aqui, das formas tradicionais de representação de aulas noturnas para “os homens de cor” a partir dos editores e colaboradores do jornal *O Exemplo*. Para essa reescrita utilizou-se das lentes teóricas e metodológicas da História Cultural para análise de um conjunto de textos que foram arrolados e que denunciam representações do passado. Logo, o texto procurou investir na desnaturalização que os estudos históricos demonstram, tanto

no que se refere a aulas noturnas para todos quanto a experiências que ensejaram sua exclusão e abandono.

A partir dos textos publicizados pelos editores e colaboradores do jornal *O Exemplo*, entre os anos de 1895 e 1904, ficam postas as representações construídas em torno da criação de aulas noturnas. Ou seja, a análise dos documentos operou sob o conceito de representação, sugerindo três ponderações: o primeiro, um afastar-se do cancro da ignorância a partir de aulas noturnas que estavam ao alcance dos “homens de cor”; o segundo, uma responsabilização das associações e da sociedade, de modo geral, de trabalhar em favor de tal obra; e, por último, mas não menos importante, a inscrição de aulas noturnas a partir de sentidos e especificidades atribuídos à instituição escolar que, mesmo não representando uma alteração concreta no que se refere às questões financeiras, representava um bem simbólico e cultural.

Fica posto que os editores e colaboradores do jornal *O Exemplo* empreendem diferentes e diversos esforços no sentido de inculcar nos “homens de cor” a necessidade de se elevarem acima da ignorância, a qual estava presente em uma sociedade recém-liberta, ou seja, que buscava a conformação de um novo perfil de “homens de cor”, moral e intelectualmente desejáveis, inclusive no que tange a enfrentar os preconceitos que recaem sobre seu pertencimento racial.

A análise indica que a bandeira da instrução, levada a cabo pelos editores e colaboradores do jornal *O Exemplo*, ao incentivar a frequência em aulas noturnas, sugere pensar que esse ato é um sinônimo de generosidade, “em prol desses infelizes ignorantes”. Ou seja, incentivar o melhoramento do estado intelectual dos “homens de cor” torna-se um prenúncio, “um despertar de consciências”. Assim, fica posto que a luz que espanta as trevas da ignorância é a instrução, chave para abrir cérebros obscurecidos, bem como para despertar consciências.

A investigação empreendida sobre aulas noturnas ao alcance dos “homens de cor”, tencionou dar visibilidade à pluralidade de contextos que constituíam o passado de um grupo racial particular que lutou em prol do levantamento moral e intelectual dos “homens de cor”. Por fim, considerando os limites da extensão do texto, outros elementos serão apresentados em produções futuras.

Referências

- BAHIA, Cristina Camaratta Lins. *Aprendendo a ser negro(a): representações sobre educação/instrução e pedagogias culturais no jornal O Exemplo (1892-1910)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Porto Alegre, 2016.
- BAHIA, Cristina Camaratta Lins; ZUBARAN, Maria Angélica. *Aprendendo a Ser Negro(a): Representações sobre Educação/Instrução e Pedagogias Culturais no Jornal O Exemplo (1892-1910)*. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, Educação e Interdisciplinaridade percursos teóricos e metodológicos, 15., 2016, FEEVALE *Anais* [...]. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2016.
- CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *Rev. Bras. Hist. Educ.*, Campinas, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CORBIN, Alain. O prazer do historiador. *Rev. Bras. Hist.* São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, jun. 2005.
- CORSETTI, Berenice. Cultura política positivista e educação no Rio Grande do Sul/Brasil (1889/1930). *Cadernos de Educação*, Pelotas, jul./dez. 2008.
- D'AGUIAR, Carmem. Por uma ideia. *O Exemplo: Jornal do Povo*, Porto Alegre, p. 1-4, 11 set. 1904.
- FADUL, C. R.; GALVÃO, A. M. de O. Escolas de memórias: representações da escola entre novos letrados (Minas Gerais, décadas de 1900 a 1930). *Cadernos de História da Educação*, v. 19, n. 2, p. 459-480, 2020.
- FONSECA, Marcus Vinícius. A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (orgs.). *A História da Educação dos Negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.
- FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (orgs.). *A História da Educação dos Negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.
- GIL, Natália; GRANDO, Luísa. História da escolarização da criança pobre: algumas imbricações entre escola, trabalho infantil e caridade (Rio Grande do Sul, Brasil). *Currículo sem Fronteiras*, v. 22, e1920, 2022.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LUCA, Tania Regina de. *A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

- MULLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.
- O EXEMPLO. A questão de ensino II. *O Exemplo: Propriedade de uma Associação*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 03 nov. 1895.
- O EXEMPLO. O Exemplo. *O Exemplo: Propriedade de uma Associação*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 11 dez. 1892.
- O EXEMPLO. Escola noturna. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 05 ago. 1902a.
- O EXEMPLO. Nossa Escola. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 12 out. 1902b.
- O EXEMPLO. O Atheneu Popular. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 11 dez. 1902c.
- O EXEMPLO. O Atheneu Popular II. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 18 dez. 1902d.
- PERES, Eliane Teresinha. *“Templo de Luz”: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.
- PERUSSATTO, Melina Kleiner. Escola noturna ‘O Exemplo’: educação e emancipação dos trabalhadores na imprensa negra do pós-abolição (Porto Alegre, Rio Grande do Sul). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 22, e217, 2022.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RODRIGUES, Felinto. Demonstração produtora – Os preconceitos – I. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 07 ago. 1904a.
- RODRIGUES, Felinto. Demonstração produtora – Os preconceitos – II. *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 14 ago. 1904b.
- SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da História: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SILVA, João Carlos da. Utopia positivista e instrução pública no Brasil: alguns apontamentos. *Varia Scientia*, v. 5, n. 9, p. 79-88, 2007.
- SOUSA, Ricardo Costa de. *Instrução e circulação da palavra escrita: o caso do jornal O Exemplo (Porto Alegre, RS, 1892-1930)*. 2019. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre/RS, 2019.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). *Histórias e memórias da educação no Brasil: século*

XX. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, vol III.

UMA DEMOCRATA. Coragem! *O Exemplo: Jornal do Povo*. Porto Alegre, RS, p. 1-4, 19 out. 1902.

VEIGA, Cynthia Greive. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, set./dez. 2008.

ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 161-187, jul. 2008.

Notas

- ¹ A editoria do jornal afirmar que não se responsabiliza pelos textos publicados pelos colaboradores do periódico. De acordo com Santos (2011, p. 161), o termo colaborador, presente no jornal *O Exemplo*, se refere “a todos aqueles que escreviam para o jornal sem regularidade, de forma eventual”, e, para Luca (2018, p. 135) o colaborador remete a cooperar, participar, contribuir, concorrer, produzir em conjunto trabalho ou obra”.